

Desemprego dos jovens no Brasil atinge nível inédito

A diferença entre a taxa de desemprego dos jovens de 18 a 24 anos e da média dos brasileiros ativos atingiu 16,4 pontos percentuais no segundo trimestre deste ano, em meio à pandemia do coronavírus. Iniciada em 2012, a série histórica da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua nunca havia registrado distância tão grande. **Mercado A13**

Descolamento do desemprego dos jovens bate recorde

Vários indicadores e pesquisas mostram uma diferença histórica entre a taxa média e a de jovens de 18 a 24 anos

Érica Fraga

SÃO PAULO A pouca experiência laboral faz com que jovens enfrentem piores condições no mercado de trabalho do que seus pares mais velhos. Essa tendência histórica e universal ganhou contornos dramáticos no Brasil dos últimos anos.

A sucessão de crises econômicas e políticas vivida pelo país nesta década levou a desvantagem e a vulnerabilidade da população na faixa dos 20 anos a patamares recordes, capturados por vários indicadores.

A diferença entre a taxa de desemprego dos jovens de 18 a 24 anos e da média dos brasileiros ativos atingiu 16,4 pontos percentuais no segundo trimestre deste ano, em meio à pandemia do coronavírus.

Iniciada em 2012, a série histórica da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Continua nunca havia registrado uma distância tão grande entre os dois indicadores.

Embora o desemprego tenha aumentado para todos entre abril e junho, para a faixa etária de 18 a 24 anos ele atingiu 29,7% contra 13,3% para a média da população ativa.

Outro indicador muito acompanhado por especialistas em mercado de trabalho é a chamada taxa de participação.

Esse índice é o resultado da soma entre todos os trabalhadores ocupados e aqueles que buscam um emprego dividida pelo total de pessoas em idade ativa (acima de 14 anos). Ele oferece uma medida do aproveitamento da mão de obra potencial do país.

O aumento da taxa de participação feminina nos mercados de trabalho de diversos países nas últimas décadas é, por exemplo, celebrado como um passo na direção de uma maior equidade de gênero.

A pandemia derrubou esse indicador para o mercado de trabalho de forma geral no Brasil. Entre janeiro e março de 2020, 61% dos brasileiros em idade ativa estavam ocupados ou buscando uma vaga. No segundo trimestre, essa parcela recuou para 55,3%.

Entre mulheres, o indicador caiu de 52,1% para 46,3%. O recuo de 5,8 pontos percentuais ficou um pouco acima da queda de 5,3 pontos percentuais da taxa de participação masculina, que foi de 70,8% para 65,5%.

Nenhum grupo — nos recortes por idade, escolaridade e gênero — foi mais afetado do que os jovens de 18 a 24 anos, cuja taxa de atividade no mercado de trabalho despencou quase nove pontos percentuais, de 68,8% para 59,9%. Parte dessa queda se explica porque as demissões dos brasileiros nessa faixa etária dispararam.

Metade dos potenciais trabalhadores de 18 a 24 anos do país estavam ocupados no início deste ano. Entre abril e junho, esse indicador havia recuado para 42,2%.

A queda de oito pontos percentuais no nível de ocupação dos jovens também superou a diminuição de 5,6 pontos percentuais amargada pela população ativa como um todo.

Embora a pandemia tenha sido um golpe duro sobre os trabalhadores mais novos, os indicadores revelam que a desvantagem deles em relação à média do mercado já vinha aumentando gradativamente muito antes da Covid-19.

No início de 2012, o nível de ocupação dos trabalhadores então na casa dos 20 anos era, ligeiramente, maior do que a

registrada pela média dos brasileiros em idade ativa.

Naquele momento, o mercado de trabalho vivia o boom iniciado em meados da década anterior. Esse cenário mudou após a eclosão da recessão de 2014 que atingiu o universo laboral em cheio a partir de 2015.

Embora o período de contração da economia tenha terminado em 2016, ele foi seguido por um triênio de expansão píflia da atividade, que, em 2020, dará lugar a uma nova recessão na esteira da pandemia.

Se em momentos de expansão as empresas estão mais dispostas a correr riscos, contratar jovens potencialmente inovadores e investir em seu treinamento, nas crises, a necessidade de cortar custos eleva o conservadorismo dos empregadores.

Segundo especialistas, os sete anos de conjuntura econômica adversa do país têm afetado o ânimo dos jovens.

Um sinal disso é que a parcela da população de 20 a 29 anos que não trabalha nem estuda atingiu um nível recorde no segundo trimestre deste ano, segundo dados compilados pela equipe do economista Marcelo Neri, diretor do FGV Social.

Para a faixa etária de 20 a 24, a fatia dos chamados “nem nem” saltou de 26% no início de 2012 para 35% entre abril e junho de 2020. Essa alta indica que a brutal queda na taxa de participação dos mais jovens no mercado de trabalho não se explica apenas pela onda de demissões, mas também porque muitos simplesmente desistiram de buscar uma vaga.

“Nas crises, até o diploma de conclusão de um ciclo educacional perde parte do efeito de bilhete premiado que garante salários maiores. Isso contribui para um maior desalento dos jovens”, diz Neri.

Geração vai sofrer 'efeito cicatriz', dizem especialistas

Pesquisas acadêmicas mostram que a estreia no mundo do trabalho em períodos de recessão traz consequências negativas que podem perdurar por anos, quando não por toda a vida. Não por acaso, os pesquisadores batizaram esse fenômeno de efeito cicatriz.

Um dos estudos seminais sobre esse tema foi feito pela norte-americana Lisa Kahn, que atuou como conselheira do ex-presidente Barack Obama. A acadêmica analisou a evolução, por duas décadas, da carreira de homens brancos que se formaram antes e depois da crise que afetou a economia dos Estados Unidos no início dos anos 1980.

O trabalho indica que os pro-



Nas crises, até o diploma de conclusão de ciclo educacional perde parte do efeito de bilhete premiado que garante salários maiores. Isso contribui para um desalento dos jovens”

Marcelo Neri

Diretor do FGV Social

fissionais que se graduaram no auge da crise registraram perdas de renda persistentes relativas a trabalhadores que conseguiram seus diplomas em períodos de expansão, anteriores ou posteriores.

Análises semelhantes feitas para outros países como Canadá e Austrália encontraram o mesmo efeito.

A hipótese do efeito duradouro das crises econômicas sobre jovens trabalhadores foi testada recentemente também para o Brasil pelos pesquisadores Paulo José Mencacci Costa, Nercio Menezes Filho e Bruno Komatsu, do Insper.

Apartir de dados dos censos demográficos, os três economistas analisaram várias gerações que, ao chegar perto dos 20 anos, viviam em municípios que enfrentavam distintas situações econômicas. Eles descobriram que a aproximação dessa idade em momentos de crise deixou cicatrizes na trajetória laboral dos jovens.

Os cálculos mostram que gerações que começam a trabalhar em um momento em que o desemprego dobra de patamar terão eles próprios, em média, uma taxa de desocupação futura 1,39% maior. Os pesquisadores também encontraram um impacto negativo na renda futura desses profissionais.

Segundo Menezes, embora seja significativo do ponto de vista estatístico, os efeitos de entrar no mercado de trabalho em momentos de recessão não chegam a ser catastróficos.

“Há outros fatores, como diferenças no nível de escolaridade, que têm um impacto muito maior na renda e na empregabilidade”.

Porém, ressalta o acadêmico, a longa duração da crise brasileira nesta década poderá acarretar prejuízos mais significativos do que os aferidos por eles para a juventude atual.

“Os jovens, quando saem da escola, precisam experimentar várias ocupações para saber em que, efetivamente, são bons”, diz. “Quando ele encontra o que gosta, se torna mais produtivo e passa a ganhar mais”.

Em um mercado de trabalho restritivo, as chances para experiências diversas diminuem.

“Os últimos tempos têm sido difíceis. Neste ano, em particular, não há shows, restaurantes, atividades culturais, novos empregos em empresas”, afirma Menezes.

O mercado de trabalho emite sinais da persistência com que os jovens têm sido prejudicados por essa conjuntura econômica adversa.

Em 2002, 19% dos postos com carteira assinada do Brasil eram ocupados por trabalhadores de 18 a 24 anos. Dados da Rais (Relação Anual de Informações Sociais) divulgados na última semana mostram que, em 2019, essa fatia havia caído para 13,1%.

No mesmo período, a participação dos profissionais de 50 a 64 anos no estoque de vagas do mercado formal subiu de 10,5% para 17%.

O fato de que a população brasileira, em média, envelheceu ao longo desse período ajuda a explicar essa tendência. Mas a demografia não parece ser o único fator por trás dessa mudança.

A parcela de vagas formais ocupadas por trabalhadores de 25 a 29 anos caiu de 16,6% para 13,4% entre 2002 e 2019. Esse recuo — de três pontos percentuais — foi a metade do amargado pelos profissionais de 18 a 24 anos.

O número de brasileiros de 18 a 24 anos, porém, ainda cresce um pouco no país, já a população de 25 a 29 começou a encolher. Ou seja, se fosse apenas pela demografia, a queda da presença relativa do segundo grupo etário no mercado formal deveria ter sido maior do que a do primeiro.

Para especialistas, apesar da conjuntura desfavorável, há alguns sinais positivos que podem levar os jovens brasileiros a reverter os prejuízos que têm sofrido agora.

Neri destaca o aumento da escolaridade. “Mesmo nesse período recente mais difícil, o número de anos de estudo dos mais jovens continua aumentando”, diz. A preocupação, segundo ele, é que o fechamento das escolas imposto pela pandemia prejudique essa tendência ao causar uma alta da evasão escolar.

“Por isso, é crucial que a política pública foque em evitar que crianças e jovens que tiveram maior dificuldade em manter o vínculo com a escola em 2020 desistam de estudar”.

Menezes, do Insper, concorda que incentivos tanto para que a evasão não aumente agora quanto para que os jovens continuem aumentando sua escolaridade são fundamentais.

“A melhor política pública para mitigar os efeitos desses anos de crise sobre os jovens é o incentivo, inclusive por meio de crédito, para que eles continuem estudando”.

“O retorno salarial garantido por uma maior escolaridade, principalmente pelo ensino superior, ainda é enorme no Brasil”, conclui o economista.

Condições para encontrar o primeiro emprego pioram

Fernanda Brigatti

SÃO PAULO Aos 16 anos, cursando o 1º ano do Ensino Médio, Erick Gomes Santos quer trabalhar. Há pouco mais de um ano o adolescente busca uma vaga como Jovem Aprendiz, modelo de contratação que, como o nome indica, alia a aprendizagem técnico a uma vaga formal, com registro em carteira e direitos trabalhistas.

Sua preocupação, diz, é não ficar parado e ajudar os pais com as contas do dia a dia e as necessidades das irmãs mais novas.

"Jovem aprendiz é quem está começando, né? E eu ainda não sei fazer as coisas mesmo. Quero qualquer coisa, e o que vier está valendo", afirma.

Em meio à indecisão típica da idade, Erick diz que gostaria de ser médico — ou talvez advogado. E quer uma vaga de trabalho que também pudessem ajudá-lo na decisão, conta o adolescente que, até agora, nem entrevistas conseguiu.

A jornada em busca de colocação começou em meados do ano passado. Primeiro, deixava currículos em empresas e entidades certificadas.

Os últimos sete meses, porém, a maratona pela busca de vagas ocorre diante do computador. É por meio da internet que cadastra currículos em sites. É lá também que faz as lições enviadas pelos professores. A escola em que estuda, no Jardim Ângela, zona sul da capital paulista, está fechada por causa da pandemia.

A mãe, Gracy, apoia a busca. "Acho que todos os jovens têm que trabalhar para conhecer responsabilidade, ter autonomia", afirma.

Para Ketlyn Lorraine da Silva Santos, a urgência é financeira. Com 14 anos completos há pouco mais de um mês — idade mínima prevista em lei para trabalhar —, ela reúne anúncios de sites e redes sociais.

No último ano do Ensino Fundamental, tem dificuldades para conciliar a dedicação aos estudos e o apoio à avó, hoje responsável pelos sustento das crianças da família — uma recém-adotada, primos e uma irmã de Ketlyn.

Desvantagem de jovem brasileiro no mercado de trabalho é recorde

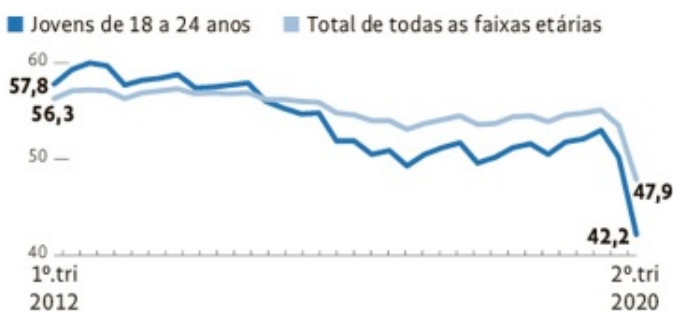
A diferença entre taxa de desemprego da população de 18 a 24 anos e a média do mercado nunca foi tão alta*

Diferença em pontos percentuais



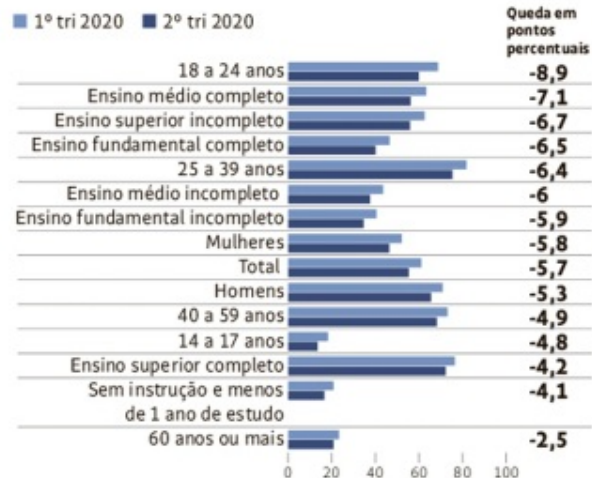
A fatia de jovens ocupados já vinha se distanciando da média da população ativa, essa desvantagem, agora, atingiu um recorde de 5,7 pontos percentuais*

Nível de ocupação no mercado de trabalho, em %



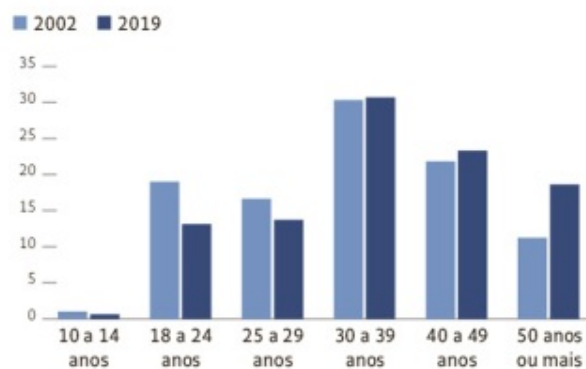
Embora a taxa de participação — que engloba ocupados e os que buscam trabalho — tenha caído para todos os grupos, entre jovens ela despencou*

Grupos de trabalhadores sob diferentes critérios, em %



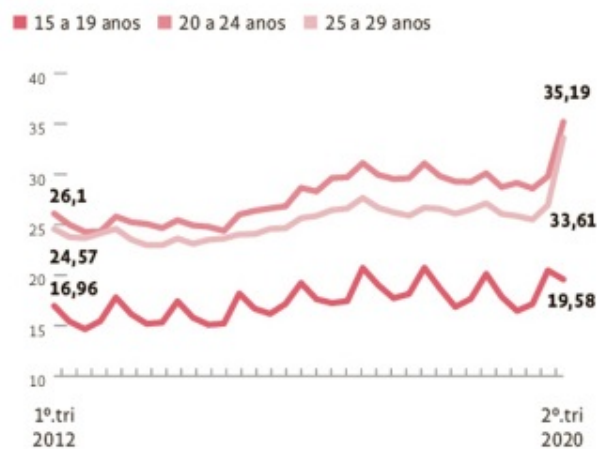
Perda de espaço dos jovens no mercado formal de trabalho tem ocorrido de forma gradual e contínua**

Grupos etários no estoque de vagas formais no país, em %



Com a crise recente, fatia de jovens de 20 a 24 anos que não estuda nem trabalha bateu recorde*

População total com mais de 10 anos ou mais, em %



* Os dados da PNAD Contínua abrangem tanto os vínculos trabalhistas do mercado formal quanto do informal

** As estatísticas da Rais se restringem ao mercado formal

Fonte: PNAD Contínua Trimestral (IBGE), Relação Anual de Informações Sociais (Rais) e FGV Social a partir dos microdados da PNAD Contínua

Descolamento do desemprego dos jovens bate recorde

Continuação da pág. A13

A mãe, o padrasto e o irmão de 16 anos estão sem trabalho. A avó é a única a receber o auxílio emergencial, benefício temporário pago pelo governo federal para desempregados, autônomos que não conseguiam trabalhar devido à pandemia e beneficiários do Bolsa Família.

“Achei umas vagas, mas eram para trabalhar em casa e eu não quero. Pode ser em mercado ou coisas administrativas, o que aparecer está bom”, diz ela, que mora em Barueri (região metropolitana de São Paulo).

Foram as dificuldades em encontrar um emprego fixo que levaram Rickson Lucas Silva Luna, 21, a trocar a busca por vagas pelo trabalho voluntário — e não exatamente do tipo tradicional de voluntariado.

Na segunda metade de novembro, ele e a namorada, Raphaela Arins, 22, partirão para Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro, onde passarão uma semana trabalhando como auxiliares na cozinha de uma pousada. Em troca, terão hospedagem.

“Fiquei muito tempo nes-



Erick Santos busca seu espaço no mercado de trabalho; dezenas de contatos sem retorno

Danilo Verpa/
Folhapress

sa tentando fazer qualquer coisa. Comecei um curso no Senac, de auxiliar de cozinha, mas veio a pandemia e atrapalhou”, diz Rickson. “O que não dá é para ficar parado.”

Para segurar as contas, vem fazendo bicos e chegou a trabalhar por meio de aplicativos de transporte. Ele e a namorada têm a ajuda dos pais dela — os dois moram na zona norte de São Paulo, nos fundos da ca-

sa do sogro, que os acode em qualquer emergência.

A estratégia de trocar o salário por hospedagem e outros benefícios, como alimentação, é conhecida como “work exchange” e costuma ser intermediada por sites e aplicativos. Para Rickson, foi um meio de acumular experiência e ganhar alguma vantagem na busca por um emprego em cozinha.